

16-09-2020

Um Pedido e um Carinho

Lucrecia Bobbit Filgueiras

[Enfermeira. Professora aposentada]

Enfim aqui de volta. Revendo o que escrevi e tentando fazer um paralelo com o que vivo. Tenho acompanhado essa Coluna e inúmeras vezes me vejo em cada palavra escrita. Algumas palavras reverberam intensamente em minha mente... Alguns textos são mais instrutivos, outros de uma poesia que me fazem voar. Rever as asas cortadas ou despenadas por essa realidade cruel que nesse momento me atravessa. Relendo os textos, não fugirei da minha proposta de retratar o trabalho da enfermagem. Em 18/02 desse ano foi publicado aqui, na Coluna Opinião, um texto chamado “Máscaras” da colega e amiga Luciene Aguiar. Outra amiga, dessa vez a professora Rosângela Gaze em uma conversa no celular me lembrou de outro texto relacionando-o à realidade após a pandemia da Covid-19. O texto estava diretamente relacionado ao (des)planejamento anual da gestão de saúde para o enfeitamento do carnaval e do Verão, porque todo ano é a mesma coisa e escrevi sobre isso em janeiro. Sabe gente, me enfureci, vou explicar porque. Porque seja 4 milhões de casos, ou 130 mil mortes, até agora, ou as mortes por dia, nada mudou para nós que estamos no front. Mas agora as praias estão cheias, as academias abertas, as festas chamadas de “clandestinas” acontecendo e nem mais sei...

E os profissionais de saúde lá (e aqui). Orientando, classificando, encaminhando, atendendo, dando assistência, tratando... Usando EPIs que nos enforcam, causam dores e traumatismos físicos, afastados da família, assediados pela sociedade (as pessoas hoje tem medo e nojo de nós), com carga de trabalho intensificada, com medo, sem locais adequados para as refeições, paramentação, higiene corporal, para atender o telefone e dar notícias suas para as pessoas amadas...

E inegavelmente sozinho/as. Buscamos nas redes sociais acessíveis alguns contatos para uma conversa que flua em prospecções amenas. As pessoas querem saber se “está tudo bem e já podem sair”... Outros nos falam do medo que têm. Poucos nos agradecem, mas nos exaltam como deuses que não somos. Alguns nos cobram uma disposição infinita para essa lida, algo do tipo “você faz por amor”, “tem que fazer”... Temos sim que fazer e fazemos. Iniciamos nossa jornada sem saber se atenderemos 10 ou 10x10 ou 10x100. E o aumento (contínuo) da demanda nem nada muda nosso salário, estamos na lógica contrária do produtivismo capitalista.

Apesar de trabalharmos mais quantitativa e qualitativamente, recebemos o mesmo salário, afinal estamos ali para isso... Estamos mesmo!! Mas queremos e podemos ser melhores. Estamos vivendo sob a égide de gestores políticos desqualificados para a práxis da gestão em saúde pública. Desacreditados por discursos políticos e sociais mentirosos, nos agridem em nossos preceitos técnicos e éticos e nos tornam solitários, amedrontados, vulneráveis. São tantas coisas e palavras. Tive agora uma visão, uma lembrança que muitos aqui já tiveram, coisas da infância. Alguns aqui já tiveram um cachorrinho, um “pet” (palavra da moda) e já deram um banho nele. Vamos lá, lembra quando está molhado e se sacode espargindo gotículas de água para todos os lados? O corpo balança e a pele treme. A água que está nos pelos se espalha no espaço. É isso que faço agora.

Estou me sacudindo como um cachorro vira-lata que acabou de tomar um banho e nesse sacudir dos pelos do corpo me surgem dores da alma. Pode aí me perguntar qual a dor da minha alma. Com calma vou lhe pedir que leia os textos citados, onde reproduzimos a fala ou até mesmo nos arriscamos a tentar demonstrar a dor da enfermagem. Viu? Nossa dor está nas praias cheias.

Nas filas de banco sem orientação de afastamento.

Nos trabalhadores que fazem a limpeza urbana e coletam o lixo sem treinamento ou a possibilidade de se negar a se expor a um procedimento onde sua vida estará em risco. Nossa dor está em nossos afetos que não podemos tocar. Em nossa responsabilidade solitária. Mas aqui quero falar (novamente) de máscaras.

Dessas que vejo pelas ruas... Máscaras brinco: penduradas nas orelhas (estão na moda?) ... Máscaras para mau hálito: tampam a boca e o nariz fica livre (substituem o enxaguante oral) ... Máscara cobre papo: fica logo abaixo do queixo (disfarçam a papada e assim extinguem a necessidade da cirurgia estética) ... Máscara luva: anda nas mãos (provo que tenho, mas não faço uso) ... Máscara retrovisor: tenho carro, fecho os vidros, penduro a mesma máscara no retrovisor por infinitos dias. Se houver fiscalização coloco e me justifico ... Máscara colar: funciona como adereço no pescoço. Idem ao anterior. Uso se precisar. Enquanto as máscaras vão tendo os mais diversos usos e utilidades para você, para nós é infortúnio e necessidade. Mas se lembre de nós.

Se acabarmos nós aqui, sobra nada para cuidar de vocês aí. E esse desabafo, além de um pedido de socorro e uma prova de humildade, é um gesto de carinho com você - nossa razão de ser. Talvez, assim, nós sejamos também a sua (razão de ser). ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.